

## REFLEXÕES SOBRE A ESCOLA CONTEMPORÂNEA E SUA REINVENÇÃO: OBSERVANDO A MULTICULTURALIDADE E A DIVERSIDADE DA SOCIEDADE DE FORMA CRÍTICA

Bárbara Conceição da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho reflete sobre a reinvenção de uma escola na contemporaneidade, porém, com um currículo de perfil totalmente hegemônico e engessado que não agrega. Currículo esse inserido numa sociedade multifacetada e fluida, com jovens sujeitos de características e personalidades marcantes no que tange à busca da liberdade. Nesse sentido, indaga-se que sugestões poderiam ser dadas à escola e professores para que se tente mudar esse quadro? O objetivo é examinar essa escola com o intuito de reelaborar/recriar esse tradicionalismo e esse currículo monocultural. A sociedade contemporânea que abarca em sua multiplicidade sociocultural, uma juventude munida de conhecimentos complexos e culturas heterogêneas necessita de uma escola que faça jus a ela. A pesquisa traz uma abordagem qualitativa e bibliográfica, trazendo autores como Candau (2015), Dayrell (2007), Hooks (2013), Ferraço (2015), entre outros, refletiremos sobre os desafios da escola e de seus sujeitos afogados no mar informacional. Acredita-se que a transformação da sociedade em todas as suas dimensões políticas, socioeconômicas, ideológicas e culturais sejam cruciais para uma escola/educação de qualidade, justa, prazerosa e acolhedora onde a juventude desse país se sinta abraçada e motivada em seu lugar de pertencimento.

**Palavras-chave:** Escola, Juventude, Multiculturalidade, Contemporaneidade.

### INTRODUÇÃO

O objetivo desse artigo é refletir sobre a necessidade de reinvenção da escola atual que ainda hospeda um currículo monocultural e hegemônico, porém, inserida nessa sociedade contemporânea que abarca em sua multiplicidade sociocultural, uma juventude munida de conhecimentos complexos e culturas heterogêneas.

Sendo assim, é mister fazer algumas considerações acerca da crise na/da educação/escola, que, conseqüentemente, compreende as mais diversas dimensões; como por exemplo, a sociopolítica, ideológica e cultural. A escola situada nessa nova sociedade da informação, da tecnologia e da comunicação encontra-se desnordeada,

---

<sup>1</sup>Professora do Ensino Fundamental SME/D. de Caxias - SME/RJ e Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Básica Cap-UERJ - RJ, babix967@gmail.com;

pois, o seu perfil ainda não se adequou à nova realidade multiculturalista que nos cerca. A sociedade contemporânea é demasiadamente mutante e, o nível, a qualidade e o montante de informações circulantes oscilam imensuravelmente. Acredita-se que, para o acompanhamento desse número infindável de informações, seja necessário um olhar outro para a Educação, para a escola, para o currículo, para a formação dos profissionais da educação, para a necessidade dos alunos; ou seja, as crianças e os jovens/adolescentes.

Tomando por base a escola pública atual, pode-se dizer que a mesma é fruto de uma gradual estratégia de desvalorização que visou favorecer a mercantilização do ensino particular, ao mesmo passo que esta mesma degradação também serve de elemento útil aos detentores dos poderes econômicos e políticos que tem na incultura, um dos principais alicerces de perpetuação, através da proliferação da mão de obra barata e não qualificada que acaba tendo que se sujeitar à qualquer condição de emprego para buscar apenas subsistências.

O atual ensino público é um castelo em ruínas que só não se encontra literalmente em escombros por conta da luta de muitos que seguem ainda pelejando contra a corrente e contra a força deste projeto de esfacelamento cultural que tomou conta do país pós anos 80. Por conseguinte, a juventude acaba sendo fruto da degradação da educação que se propaga com efeito, pela sociedade.

Os jovens, mesmo que não generalizemos, são em grande quantitativo, claros espelhos de pais que já não contaram com uma melhor formação cultural e educacional; apenas ampliam a perda de valores morais que jogam para escanteio, as noções de moralidade e de cidadania. Por um bom tempo o que se assistiu foi a propagação de uma falsa visão de competitividade que nada mais era a forma de incentivar o “cada um por si” e sepultar o espírito de coletividade que sempre permeou a sobrevivência dos menos assistidos.

É necessário salientar que, ao refletir sobre os jovens, estou considerando uma parcela da juventude brasileira que, maioritariamente, frequenta as escolas públicas e é formada por jovens pobres que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos marcados por um contexto de desigualdade social. Porém, mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões e desafios com os quais esses jovens se debatem não espelhem de alguma maneira aqueles vivenciados por jovens de outros grupos sociais. (DAYRELL, 2007, p. 1107).

Sob pretexto de dar responsabilidade aos filhos, uma geração foi criada com permissividade e sem direcionamento, uma espécie de “vale tudo social” em que o jovem por muitas vezes segue pela opção do experimento e não do aprendizado. A impressão que se tem é que o acolhimento da escola de hoje pela juventude, depende de fatores como por exemplo, valores assimilados em casa, conversações absorvidas no entorno do(s) ambiente(s) em que vivem, concepções que vão de encontro daquilo que os acrescentem e/ou os façam crescer de alguma forma e/ou alcançar algo para suas vidas cotidianas; pois, “[...] há um modo de fazer e de criar conhecimento no cotidiano, diferente daquele aprendido, na modernidade, especialmente, e não só, com a ciência [...]” (ALVES, 2001, p. 13-16 apud FERRAÇO, ALVES, 2015). Vê-se dessa maneira, a real importância de um acolhimento por parte da escola que realmente agregue esse grupo.

Assente-se que, quando esses jovens conseguirem captar exemplos que lhes possam provocar anseios de aprendizado intelectual, ganho cultural, aspirações profissionais, ascensão social e realização pessoal; enxergarão a escola como sendo o portal que lhes dá acesso a esses anseios. Em contrapartida, quando não lhes é despertada a importância de se educar, prevalece a perspectiva sombria de que a escola seja apenas um significado para o substantivo “fardo”, um exemplo que sempre vão considerar como perda de tempo ou um elo entre a fome e uma chance diária de alimentação.

Tenho como hipótese que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços. (DAYRELL, 2007, p. 1106).

Adequar a escola aos jovens ou os jovens às escolas será andar em círculo até que haja vontade política e/ou interesse da minoria socialmente hegemônica. O choque que há quando o jovem não se reconhece e não se identifica com a escola a qual lhe é oferecida ou as deficiências encontradas nas mesmas por não estar suprindo as carências do seu público-alvo ou ficando aquém de atingir seus principais e necessários objetivos, nasce na irresponsabilidade dos parlamentares e no desinteresse de que ensino público e educação rendam bons frutos.

[...] investem como se a escola, por si só, fosse capaz de garantir a superação das desigualdades sociais. Será possível? Os jovens pobres sabem que não e buscam mais do que a escolarização. Eles, ao contrário da escola, já experimentam na pele o descentramento das instituições e demandam mais. Demandam redes sociais de apoio mais amplas, como equipamentos de lazer e cultura nos seus bairros, além de políticas públicas que os contemplem em todas as dimensões, desde a sobrevivência até o acesso aos bens culturais. (DAYRELL, 2007, p. 1124).

Concebe-se alguns fatores também considerados sérios e comprometedores que afetam, interferem e levam o jovem ao desinteresse pela escola como as drogas, o álcool, o sexo que, na maioria das vezes é com irresponsabilidade levando à morte, à gravidez precoce e até mesmo à violência presente constantemente no dia a dia dessa juventude. Todos esses fatores são considerados de muito mais fácil acesso que a escola; pois, para eles tudo isso os translada a um mundo totalmente fabuloso que os proporciona um prazer acirrado. É evidente que não se pode comparar esses tipos de prazeres a outros, mas propõe-se no interior da escola a ludicidade como componente essencial do currículo, pois, o lúdico também é considerado elemento de prazer.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa em questão traz uma abordagem qualitativa e bibliográfica, trazendo autores como Candau (2015), Dayrell (2007), Hooks (2013), Ferraço (2015), Freire (1980; 1996) entre outros, trazendo uma reflexão sobre os desafios da escola e de seus sujeitos.

Acredita-se no poder transformador do lúdico como componente curricular e coadjuvante na prática docente cotidiana. Nesse sentido, pressupõe-se que, transpor as barreiras promovendo um espaço privilegiado de interação para os jovens através da ludicidade, seja uma ótima opção de alcançar os objetivos propostos de uma Educação emancipatória. O significado de lúdico segundo o dicionário Houaiss online (2016) é: feito através de jogos, brincadeiras, atividades criativas; que faz referência a jogos ou brinquedos: brincadeiras lúdicas; que tem o divertimento acima de qualquer outro propósito; divertido; que faz alguma coisa simplesmente pelo prazer de a fazer. Ou seja, propor ao aos jovens atividades livres que visem “o divertimento acima de qualquer

outro propósito pelo simples *prazer* de fazer” é o que falta dentro desse currículo multipluralista do qual tanto se almeja para a escola.

A utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca da valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade. (SANTOS, 2010, p. 16).

O professor-pesquisador, em sua essência, precisa de um olhar outro que o remeta transponivelmente ao seu lugar de fala, como sujeito engajado que excede as barreiras socioculturais e políticas alcançando, assim como Hooks (2013, p. 11), o “êxtase” de suas práticas educacionais.

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente á de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p. 15).

O professor que indaga sua prática docente tem um compromisso consigo mesmo e com o outro, empenha-se em se atualizar, pedagogicamente falando, no intuito de estar passo a passo com o mundo globalizado, em concordância com uma pedagogia engajada e em oposição ao tradicionalismo vigente. Importa promover um espaço democrático em voga com a dialogicidade. Hooks (2013) e Freire (1980) bebem da mesma fonte ao falarem sobre a importância e a necessidade do diálogo como critério, dentro de uma Pedagogia engajada, libertadora e emancipatória. “O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. [...] o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial” (FREIRE, 1980, p. 82).

A sociedade contemporânea que abarca em sua multiplicidade sociocultural, uma juventude munida de conhecimentos complexos e culturas heterogêneas necessita de uma escola que faça jus a ela.

Candau (2015, p. 337) fala sobre o autor americano William Kilpatrick (1918) e John Dewey “acerca de uma ‘escola ativa’, que sua proposta tem como preocupação central os interesses do/a aluno/a, na perspectiva de despertar nele/a a vontade de saber”, e o autor Henning Bodtkjer citado por Skovsmose (2014, p. 20) busca, primordialmente, motivar a construção da aprendizagem pelos sujeitos através de projetos que transformem a “sala de aula” e/ou “espaço de aprendizagem” em um ambiente vivo. Ou seja, esses autores pactuam do mesmo objetivo ao ambicionarem que os estudantes construam suas aprendizagens de forma enfática. Ao professor requer uma visão do ambiente necessário para essa construção. Uma das características desejadas em um professor de matemática do século XXI segundo D’Ambrosio (1993), é a visão do que constitui um ambiente propício à atividade matemática. Porém, esse professor carece compreender que a visão não se restringe ao ensino da matemática, mas sim à globalidade do currículo. Currículo esse reestruturado, fluido e com a concepção das dimensões socioculturais e políticas exigidas pela sociedade contemporânea, expressando que a instituição escolar e/ou a sala de aula é lugar de “promessa e possibilidade” (HOOKS, 2013, p. 13).

De acordo com o dicionário Houaiss online (2016), transgredir significa: ultrapassar o limite de algo; atravessar: transgredir a divisa de um estado. Desrespeitar uma ordem, uma lei, um procedimento etc.; infringir: transgredir uma norma social. Com a mesma expectativa do termo “transgredir” de Hooks (2013), as pesquisadoras Beatriz D’Ambrosio e Celi Lopes (2014), apresentam à Educação Matemática brasileira o conceito de Insubordinação Criativa, ao publicarem o artigo “Subversão responsável de uma professora, propiciado por seu processo de desenvolvimento profissional”, no Boletim de Educação Matemática (Bolema), como:

ação de oposição e, geralmente, em desafio à autoridade estabelecida, quando esta se contrapõe ao bem do outro, mesmo que não intencional, por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias. Insubordinação criativa é ter consciência sobre quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. (D’AMBROSIO; LOPES, 2014, p. 29).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das leituras feitas e um mergulho nas ideias de cada autor, é possível acreditar na reinvenção da escola através de um currículo inovador que agregue em seu interior as ideias de uma sociedade contemporânea, com seu perfil multicultural e intensa fluidez em suas dimensões políticas, socioeconômicas e ideológicas.

Pressupõe-se ainda que a formação dos profissionais de educação precisa estar em voga no amplo cenário educacional. A promoção do diálogo, o estímulo e o desenvolvimento da criticidade e o respeito são imprescindíveis no favorecimento dos jovens que já trazem consigo um conhecimento vasto e complexo. Desse modo, o professor comprometido com a formação dos seus alunos, como sujeitos ativos/interativos na construção do ensino-aprendizagem contribui para a qualidade da escola/educação que se espera justa e igualitária.

A resignificação das práticas educacionais e o espaço da sala de aula precisam ser (re)vistos de forma a remeter aos jovens estudantes segurança, ousadia e, que eles possam ressuscitar seus anseios pelo chão da escola, seu lugar de pertencimento. Assim, o quadro geral da crise na/da instituição escolar pode sofrer uma metamorfose revolucionária em sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória e de crucial importância a reinvenção da escola. As normas superiores impostas e as diretrizes educacionais vigentes, em certas circunstâncias, precisam ser transgredidas em favorecimento ao bem do outro. Salientamos que temos também como necessária a transformação da sociedade com seus modelos econômicos, políticos, sociais, ideológicos e culturais que impactam demasiadamente na educação e, por conseguinte, nas escolas. Urge nesse país uma vontade política governamental em prol da Educação/escola tão fragmentada que abrange uma substancial gama da população das classes menos favorecidas à margem dessa instituição. É imprescindível a inserção dessa parcela da população efetivamente na sociedade da informação, da tecnologia e da

comunicação como protagonistas na construção do conhecimento, como sujeitos ativos e interativos desse processo.

Nossa juventude encontra-se sem rumo, desacreditada e cheia de incertezas em relação à real função da escola atual e precisa de um norte. É essencial que esses jovens não apenas vejam, mas sintam a escola como um lócus de efetiva construção do ensino aprendizagem indispensável à vida cidadã; um lugar de prazer e divertimento, liberdade e autonomia. Por outro lado, o engajamento dos profissionais da educação na busca de um currículo vivo, efetivo, multipluralista, heterogêneo, com um olhar outro voltado para a realidade vigente da educação e dos jovens, engendra o caminho para a mudança que se espera.

Por esse motivo, é indispensável que tais paradigmas sejam revistos e modificados para que as diretrizes do ensino público se reconstituam em bússola e guiem seus rebentos para o portal da formação sociocultural em direção ao mundo de oportunidades, equidade e justiça.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, V. M. F.; KOFF, A. M. N. S. A didática hoje: reinventando caminhos. **Educação & realidade**, v. 40, n. 2, p. 329-348, 2015.
- D'AMBROSIO, B. S. Formação de professores de Matemática para o século XXI: o grande desafio. **Pro-Posições**. Campinas-SP: Cortez Editora/UNICAMP, v. 4, n. 1 (10), 1993. p. 35-41.
- D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. (Coleção Insubordinação Criativa).
- DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.
- FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. As pesquisas com os cotidianos das escolas: pistas para se pensar a potência das imagens narrativas na invenção dos currículos e da formação. **Espaço do currículo**, v. 8, n. 3, p. 306-316, 2015.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Ed. São Paulo, 2013.

HOUAISS, Dicionário. **Dicionário online de português**. São Paulo, out. 2016. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SANTOS, S. C. dos. **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM**. 2010. Disponível em: < [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos\\_Simone\\_Cardoso\\_dos.pdf](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2021.

SKOVSMOSE, O. **Um convite à educação matemática crítica**. Papyrus editora, 2015.